

# TEORIAS HERMENÊUTICAS: UMA LEITURA A PARTIR DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO III CONGRESSO BRASILEIRO DE TEOLOGIA DA VIDA NOVA

Silas Molochenco<sup>1</sup>  
*Faculdade Teológica Batista de São Paulo*

## Resumo

Este artigo busca apresentar as diferentes teorias enfocadas no III Congresso de Teologia através de uma escuta psicanalítica na qual se busca compreender o que está além da palavra expressa. Busca entender o que está no entorno do conteúdo mental do que fala. Através dessa escuta busco apresentar aspectos do que foi apresentado no Congresso referido.

**Palavras-chave:** Interpretação, Bíblia, Teorias, Exegese, Psicanálise

## Abstract

The aim of this article is to present the distinct theories focused at III Conference of Theology through a psychoanalytic listening that intends to understand which is beyond the expressed word. It intends to understand what is at the vicinity of the speaker's mental content. Through this listening I intend to present aspects of what has been presented at the above-mentioned Conference

**Key words:** Interpretation, Bible, Theories, Exegesis, Psychoanalysis

Já se vai um longo tempo que o III Congresso Brasileiro de Teologia aconteceu na cidade de Campos de Jordão – SP. Entretanto, diz o ditado, “antes tarde do que nunca” ou como diz a inscrição da bandeira de Minas Gerais, “liberdade ainda que tardia”. Desta forma ainda que tarde, venho, através deste artigo, apresentar a minha leitura sobre as teorias de interpretação da Bíblia que foram expostas no citado Congresso.

Desde que o Congresso findou senti-me mobilizado a escrever a minha visão e interpretação sobre algumas das teorias hermenêuticas apresentadas naquele conclave.

Como expresso no título, o que passo a descrever, é uma leitura particular de alguém que participou do Congresso e que é teólogo, porém antes de teólogo, é psicólogo e psicanalista. Assim é com o 'ouvido' de psicólogo e psicanalista que apresento a minha compreensão sobre as teorias de interpretação bíblica apresentadas no referido Congresso.

Este assunto há muito vem sendo discutido por teólogos e lingüistas, e as teorias apresentadas por esses são as mais diversas. Todas elas têm o seu aspecto positivo, mas em todas elas encontramos falhas porque estamos falando de teorias e uma teoria é sempre a apresentação de uma verdade científica a partir de um ponto de vista. Entendo que com essa visão entramos no III Congresso Brasileiro de Teologia realizado pela Vida Nova.

Diante do exposto passo a apresentar a minha leitura sobre as teorias ali expostas e faço sem julgamento de valor, isto é, se esta ou aquela é mais completa ou bíblica.

Sem seguir uma ordem de apresentação, na verdade, seguindo os meus apontamentos, passo a discorrer sobre as teorias expostas.

### **A Teoria de Intenção**

Esta teoria apresentou o seu ponto de vista: temos duas intenções no momento da fala de Deus.

A primeira intenção é a própria revelação de Deus que sempre que fala, fala com um determinado objetivo para uma determinada situação ou momento histórico que necessita de uma intervenção do Senhor por causa da situação que o homem e a sociedade vivem. Sabemos, através da sociologia e da psicologia, que toda a intervenção em uma situação, em determinado 'status quo' sempre cria uma tensão. Assim é quando Deus fala a uma determinada sociedade. A intenção de Deus produz exatamente o conteúdo etimológico da palavra que significa criar tensão dentro de... (algo).

O dicionário de Aurélio apresenta que o vocábulo Intenção, dentro da literatura é "o conjunto dos motivos do autor ao escrever uma obra em oposição à obra realizada." Também é certo, segundo Aurélio, afirmar que 'IN - TEN-

SÃO' é o aumento de tensão.

É evidente que cada vez que Deus falou quer através da Lei, quer através dos denominados 'Escritos' e dos Profetas, ou através dos apóstolos e principalmente através do seu Filho, esta fala criou uma tensão nos grupos sociais aos quais foi destinada tal palavra. Deus falou com uma intenção e esta intenção criou uma tensão feita por Deus sobre o povo.

A segunda intenção é a da comunidade comunicativa. A comunidade comunicativa é também chamada de meio circundante. Isto é, cada comunicação que se dá, acontece num contexto em que, o que emite a comunicação e o que a recebe, devem ter em comum todo um conjunto de sinais, signos e ícones que permite a compreensão do que se fala. Dou como exemplo a comunidade comunicativa dos teólogos que possui todo um conjunto de verbetes pouco conhecidos dos demais. Ainda cito como exemplo aquilo que é denominado por muitos como o 'evangeliquês' que somente é compreendido por um grupo de pessoas que tem a capacidade de decodificar os signos usados. Como exemplo do 'evangeliquês' gosto de citar os cânticos que entamos em nossas Igrejas. Já vai algum tempo que o cântico que cito esteve na crista da onda do louvor, mas ele é um bom exemplo àquilo a que me refiro. O cântico que destaco é o que diz:

“Ele é o leão da tribo de Judá.  
Jesus quebrou nossas cadeias e nos libertou.  
Ele é a rocha da nossa vitória,  
Nossa força tempo de fraqueza,  
Uma torre em tempo de guerra.  
Oh! esperança de Israel”.

O que alguém que não conhece o 'evangeliquês' entenderá dessas frases? Explico assim o que é a Comunidade Comunicativa.

O que a Teoria da Intenção aponta é que a Comunidade Comunicativa também exerce uma intenção reativa sobre a comunicação. Deus age, criando uma tensão e o povo reage efetuando uma nova tensão. A comunicação feita por Deus irrompe no meio de um contexto. A sua fala é contextualizada. Isto é, apresenta-se adequada para o momento histórico que a comunidade está a viver. Chamo de 'adequação', o equilíbrio que as comunidades buscam através da convivência, para que as tensões internas sejam diminuídas, e os

participantes do grupo comunitário tenham um maior número de leis, regras, normas e conceituações de forma que o grupo conviva bem nas situações que se apresentam. A comunicação de Deus, segundo a minha ótica, nunca se apresenta inadequada para o contexto sobre o qual a fala de dá.

Quando pensamos em Deus falando a um determinado grupo comunitário é evidente que este grupo se desestruturou e entrou em crise. Entretanto, essa crise, em momento algum faz com que esse grupo social perca as suas conceituações que o estruturam como grupo social. Com isso quero dizer que a comunicação de Deus não desfaz o grupo social. Diante da crise, o grupo social reage tentando evitar ao máximo a interferência da comunicação feita e que desestabiliza a harmonia que o grupo tem. Creio que posso citar como exemplo o profeta Oséias. Deus fala com Israel. Mas Israel reage à fala de Deus de forma irônica e diz:

Venham, voltemos para o SENHOR. Ele nos despedaçou, mas nos trará cura; ele nos feriu, mas sarará nossas feridas. Depois de dois dias ele nos dará vida novamente; ao terceiro dia nos restaurará, para que vivamos em sua presença.

Conheçamos o SENHOR; esforcemo-nos por conhecê-lo. Tão certo como nasce o sol ele aparecerá; virá para nós como as chuvas de inverno, como as chuvas de primavera que regam a terra.<sup>2</sup>

A Comunicação da palavra de Deus pelo profeta criou tensão dentro da comunidade de Israel e essa reagiu defendendo-se e buscando um equilíbrio para manter o 'status quo'. É evidente que nem sempre Israel se defendeu de semelhante forma. Muitas vezes a intenção de Deus trouxe transformações no contexto social. Os livros de Esdras, Neemias e Zacarias mostram como a comunicação de Deus pode transformar todo um povo.

### **A Teoria Psicanalítica<sup>3</sup>**

A psicanálise, que tem seu principal expoente na pessoa de Freud, antes de ser aplicada como uma teoria de interpretação teve como primeira intenção ser um método de se fazer psicoterapia. Entretanto, com o decorrer dos anos, a psicanálise ampliou os seus horizontes e tem sido instrumento de análise para diversos ramos do conhecimento e da expressão do ser humano<sup>4</sup>. Assim, podemos analisar um quadro através da teoria psicanalítica. Também podemos analisar um filme, uma peça de teatro, uma poesia ou até mesmo um determinado texto usando da teoria psicanalítica.

Talvez, sem uma clara percepção de que estava sendo exposta uma teoria psicanalítica, pude perceber, na exposição de alguns preletores do Congresso, uma das teorias de interpretação dos Escritos Bíblicos: a teoria psicanalítica.

Esta teoria formula que a interpretação de um texto, que, como não poderia deixar de ser, sempre se apresenta como linguagem. A linguagem tem, em primeiro lugar, níveis de interpretação a partir dos signos usados. O que quero dizer é que um mesmo verbete tem significados em diversos níveis. O mesmo fenômeno, segundo a psicanálise, acontece com determinado conjunto de verbetes que traz uma determinada idéia.<sup>5</sup>

Em segundo lugar, ao mesmo tempo que um signo tem profundidades de interpretação, ele sempre exige um outro signo que dê a sequência de significados. Esta sequência faz com que o texto tenha a sua construção trazendo para o leitor a sequência do pensamento evocado.

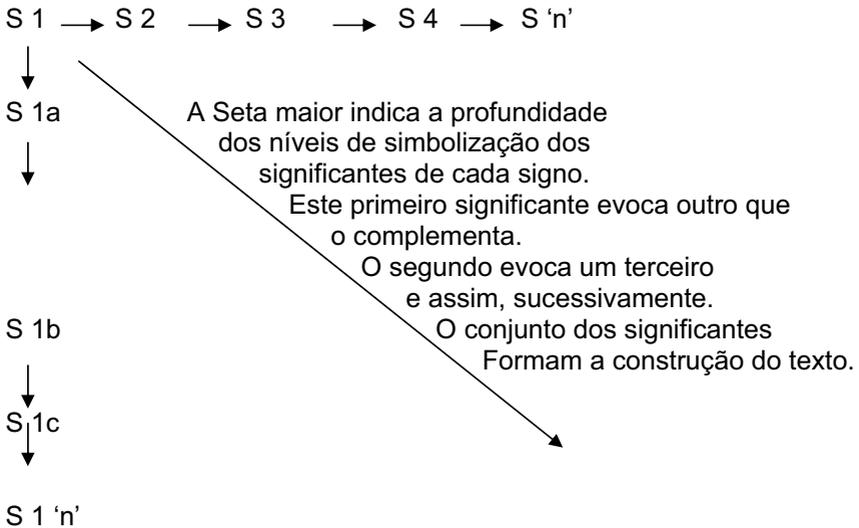
Diz essa teoria que determinado signo sempre é proveniente de um significante que é simbolizado pelo indivíduo. Assim, quando usamos um signo como 'casa', ele evoca em cada sujeito o significante que no conteúdo mental do sujeito é simbolizado através das leituras do real.<sup>6</sup> Assim, quando se diz 'casa', cada sujeito terá uma determinada idéia que é construída por ele através das suas vivências. Dificilmente dois sujeitos terão a mesma simbolização de casa. Cada um evocará as vivências pessoais para dar significado ao vocábulo. Esta idéia é o conteúdo simbolizado pelo sujeito e este conteúdo é evocado pelo signo que representa a leitura do real.

Desta forma, na revelação, Deus fala. Ele usa da linguagem e esta exige que haja a simbolização dos conceitos porque, se assim, não for, o sujeito que ouve a revelação não tem como entendê-la. Se assim é, e a psicanálise diz que é assim, cada indivíduo encontrará um determinado significado do que Deus fala através dos seus registros simbólicos, isto é, compreenderá a fala através do que ele tem em seu conteúdo mental.

Agora, diante das explicações acima, temos um determinado momento em que Deus fala. Ou fala através da voz dos profetas ou fala através das Escrituras. De uma forma ou de outra ele fala. A fala é linguagem e esta, para ser compreendida, terá de evocar, através do signo usado, um determinado significante. Chamaremos este primeiro significante de S1. Este significante evoca níveis de simbolizações provenientes da vivência daquele que ouve. Entretanto, simultaneamente este S1 evoca uma sequência de signos (S2,

S3, S4...), cada um com o seu significante (S1), que darão o seguimento da idéia revelada por ele. Isto forma o texto.

Quero ilustrar o que estou dizendo através de um esquema que teria a seguinte forma:



Um exemplo:

Deus – como primeiro significante tem em si uma compreensão inesgotável. Mas, o significante – Deus – evoca um segundo que pode ser o verbo ser.

Temos então Deus é... Novamente este conjunto de significantes tem uma compreensão inesgotável.

Porém, o conjunto – Deus é... – evoca um terceiro significante; um complemento.

Assim podemos ter a frase Deus é amor. Que por sua vez é também de compreensão imensurável.

Se seguirmos o esquema, entenderemos que Deus fala utilizando a linguagem e o receptor da mensagem capta a mesma através dos signos usados. A mensagem é captada através do que o sujeito simbolizou sobre o signo usado na comunicação feita por Deus.

Assim, Deus fala e usa da linguagem para falar. O Sujeito que capta a mensagem – quer no momento da revelação, quer no momento da leitura da mesma – interpretará esta mensagem nos níveis do S1 e seus níveis de profundidade que simultaneamente evoca o S2 que também tem os seus níveis de significados. Desta forma, a interpretação do texto é diretamente proporcional à profundidade da simbolização do Significante.

Como exemplo, cito a expressão “Deus é amor”. O significado atribuído a esta expressão por alguém com pouca vivência sobre os conceitos de amor e de Deus, bem como, pouca vivência e experiências de amor e com Deus, não terá condições de fazer com que esta expressão tenha níveis profundos para consigo. Porém se quem ouve a expressão “Deus é amor” é um sujeito que em seu viver experienciou impressões e expressões profundas de amor, estudou e vivenciou todo um conceito neotestamentário sobre a graça de Deus e a sua manifestação através da salvação e de suas implicações, terá níveis mais profundos de significado ainda que a expressão seja a mesma.

Nesta teoria o receptor da revelação percebe os níveis da fala e tem uma interpretação do que é dito. Relata – através dos signos percebidos - o que Deus inspirou. Outro indivíduo que lê o texto inspirado pode ir além da compreensão do próprio escritor por causa dos níveis de simbolização que ele elaborou. O leitor percebe os níveis da fala e vai além da linguagem expressa pelo autor. Vai além da linguagem comunicada na revelação. Cada leitura da Bíblia adquire uma nova inspiração e se renova pela interpretação da comunidade e do indivíduo.<sup>7</sup>

Como exemplo do que falo, cito Isaias 53 que só pode ser entendido em seu sentido, através da luz que o Novo Testamento traz. A leitura que fazemos hoje do texto tem maior significado para nós do que para o próprio Isaias.

### **A teoria dos ‘sacramentos’**

Começo por lembrar a doutrina dos sacramentos que ensina que em cada ato sacramental Deus se faz presente e outorga a graça.

Segundo esta teoria, cada vez que Deus fala e que se revela ao homem temos um novo ato da sua graça e um novo texto que se soma a *Heilsgeschichte* (História da Salvação).

Com parte dessa História encontramos alguns textos no Antigo Testamento que apontam o quando Deus tem horror e abomina o pecado. Nos textos que citarei adiante é evidenciado que Deus, ao demonstrar horror e abominação com respeito ao pecado e exerce ato de justiça sobre os que o cometem. Como exemplo, cito o caso de Sodoma e Gomorra, cidades que Deus reduziu a cinzas por causa do julgamento de sua impiedade (2 Pe 2.6).

Há outros textos que também apontam que Deus promete exercer o juízo e a justiça requerendo de seu povo o castigo devido por causa dos pecados. Dois exemplos marcantes deste juízo são a invasão de Senaqueribe no Reino do Norte e o cativoiro Babilônico concernente a Judá.

Estes exemplos acima explicitam a História da Salvação e revelam o quanto Deus abomina o pecado e que o pecado deve ser requerido para que a justiça de Deus se manifeste.

No Novo Testamento Deus requer o juízo do pecado. Ele é um Deus justo e não pode contemplar o pecado. Entretanto, no Novo Testamento a justiça de Deus se revela em seu filho Jesus Cristo. Ele mostra a sua graça através da morte de seu Filho Jesus, sobre quem exerce juízo e faz a justiça, em favor de cada um dos seres humanos que crê na morte vicária de Jesus Cristo.

O que quero demonstrar através dos exemplos acima é que cada ato ou fato relativo a Deus no decorrer da história, todos, sem exceção, sejam eles de que forma forem, são manifestações da graça de Deus.

A doutrina dos sacramentos declara que estes atos e fatos que outorgam a salvação não cessam com o fechamento do cânon bíblico. Eles perderam através de atos dos filhos de Deus quando esses participam dos sacramentos. Assim sendo, em cada sacramento Deus está presente e se revela. Cada sacramento é um ato de graça da parte de Deus, semelhante ao ato de entregar o seu Filho e levá-lo a crucificação por nossos pecados.

Como consequência da doutrina dos sacramentos, segue-se então, que a cada ato novo, por exemplo, na eucaristia, um dos sacramentos, Deus novamente apresenta o seu Filho para a crucificação e desta forma, renova naque-

le que participa do sacramento, a sua salvação.

Diante dessa argumentação, volto a falar sobre a revelação de Deus aos homens a quem determinou que escrevessem o texto sagrado. Cada ato de Deus no qual faz uma revelação, seja ela de que conteúdo for, é um ato de graça.

Nesta teoria de interpretação bíblica, a dos sacramentos, entende-se estes atos de graça. Entende-se também que cada vez que se lê o texto sagrado o ato de graça da História da Salvação se renova, através da presença do texto sagrado, exatamente sobre aquele que o lê. Deus novamente se manifesta em graça e renova a inspiração,

da mesma forma que na eucaristia o ato da salvação é renovado. Em minhas leituras de alguns textos da Teologia da Libertação, a minha percepção é que a teoria de hermenêutica aplicada por eles é exatamente a da teoria dos Sacramentos.

Para poder exemplificar o que exponho, quero lembrar, àqueles que estiveram no Congresso, o próprio exemplo citado pela teóloga católica Dra. Tereza Cavalcante que expôs o ponto de vista da hermenêutica relativa a Teologia da Libertação. Ao falar aos congressistas trouxe um exemplo desta linha de interpretação e citou a experiência da leitura do texto de Lc 9.58 por uma comunidade em um dos estudos bíblicos, no qual Jesus diz: “As raposas tem suas tocas, as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a sua cabeça”.

Na comunidade citada, ao pedir para um dos participantes que lesse o texto e desse a sua interpretação, isto é, qual era a sua compreensão sobre o texto, a leitura feita por ele foi assim expressa:

“As raposas têm as suas ‘toucas’.

Os passarinhos têm seus ninhos.

Entretanto, o Filho do homem não tem cabeça”.

Ao terminar a leitura a pessoa que leu o texto deu a seguinte interpretação:

“As raposas tem suas toucas e os passarinhos os seus ninhos. O filho do homem, o filho do homem não tem cabeça!! É por causa disso que o mundo está como está.

Dentro da interpretação da Teoria dos Sacramentos, a leitura que este indivíduo fez é uma nova revelação de Deus e que tem um novo significado dado por Deus como sacramento através da pessoa do leitor. Seja o leitor quem for e de qual forma a leitura do texto seja feita, o contato com o texto sagrado renova a inspiração do mesmo, ainda que o significado do texto tenha um conteúdo diferente. Deus está presente a cada leitura e, nesta nova leitura, ele manifesta graça e renova a sua inspiração para que o sujeito e a comunidade possam reagir sobre o conceito apresentado.

### **Teoria do Sentido Cultural do Texto**

A teoria do sentido cultural tem suas bases em aspectos da antropologia e da sociologia. Com estas bases, a interpretação sempre está contida nos conceitos antropológicos do próprio indivíduo que recebe o oráculo de Deus e também contida nos conceitos sociológicos da sociedade ou até do grupo social ao qual é destinada a Palavra de Deus.

Diante dos conceitos acima citados temos algumas premissas que apresentamos a seguir.

Deus fala e fala plenamente ao ser humano. Deus é um Deus perfeito e a sua mensagem é perfeita. Entretanto, o sujeito a quem é destinada a Palavra, está limitado por suas condições humanas e também pela cultura da sociedade na qual ele está inserido.

Deus fala. É o autor da mensagem. Porém o sujeito que recebe a mensagem está inserido num meio circundante para o qual a Palavra revelada faz sentido porque é revelada através das palavras que o meio circundante tem como uso comum. Se alguém fala algo que não está inserido nesse meio circundante da comunidade comunicativa a comunicação se manifesta inócua.

Se pergunto: qual o significado e o conceito de *verdrängung* em Freud? Para responder, é preciso conhecer os conceitos da prática da psicanálise e mesmo que eu diga que *verdrängung* é traduzido para o português como 'recalque', ainda assim, é difícil saber seu real significado se não conhecemos os conceitos teóricos de Freud.

Esta teoria afirma que Deus fala. Sua fala, entretanto, isto é, a mensagem completa que Deus quer transmitir, a sua mensagem plena, necessariamente há de cair no meio circundante. Ora, este meio circundante é limitador do conteúdo da fala de Deus.

Assim, Deus é o emissor da mensagem. É o autor de um determinado oráculo, mas o primeiro respondente, que é aquele que recebe a mensagem de Deus, recebe-a através dos filtros da sua comunidade comunicativa num primeiro plano e num segundo plano os seus próprios filtros.

O primeiro grande filtro, ainda que possa parecer incrível, é o conteúdo mental de quem recebe o oráculo de Deus. É através desse seu conteúdo mental que o sujeito pode entender ou não qualquer fala que se dá. As regras da comunicação nos mostram que ninguém pode entender uma mensagem se não tiver o significante do signo usado.

Segundo a teoria do Sentido Cultural do Texto, para que o receptor possa entender o texto, terá necessariamente de usar os significantes do seu conteúdo mental. São estes significantes que darão sentido aos signos usados por Deus em sua fala. Esse é o primeiro grande filtro da mensagem que é ouvida por aquele que será o transmissor da mensagem de Deus para os demais homens.

O segundo grande filtro é que os signos são dados através dos grupos sociais. Dentro desses grupos sociais é que se encontra o sujeito. Os grupos sociais representam as diversas línguas e os mais variados dialetos dentro de uma determinada língua.<sup>8</sup>

Temos de lembrar sempre que o sujeito que recebe o oráculo de Deus está 'dentro' do grupo social. Por conseguinte, este sujeito não detém todos os significantes e significados que o grupo social detém através da língua ou dialeto falado. Ele só detém parte dos signos e parte de seus significantes. O real significado de um determinado signo está na cultura na qual o Sujeito está inserido para determinado signo<sup>9</sup>.

Assim sendo, o receptor da mensagem tem dois filtros. Em primeiro lugar a comunidade de sentido, o seu meio circundante. O segundo filtro é a leitura que o sujeito faz do que Deus disse através da sua subjetividade. Detectamos então que o ato de Deus falar e o ato do sujeito de ouvir, é da ordem da intersubjetividade. De um lado a pessoa que fala (Deus) para um meio circundante, que é o povo para o qual Deus fala, e do outro lado está aquele que recebe o oráculo de Deus através de sua própria experiência de vida, através de sua subjetividade.

O terceiro grande filtro é o da ordem da imanência e da transcendência. É neste ponto que entram os conceitos da antropologia. O homem é limitado e, segundo a psicologia social, nenhum ser humano conseguiu ter em si a genericidade do ser humano<sup>10</sup>. Se de um lado, na sua imanência, o ser humano é altamente limitado, o que se poderá dizer quando este se conecta com a transcendência. Segundo o exposto, homem algum pode compreender a mensagem de Deus tal e qual exposta por ele.

Para terminar este primeiro ponto dessa teoria quero dizer que o máximo que o sujeito pode fazer com uma determinada fala de Deus, é uma leitura, e, esta, com inúmeros fatores limitantes. Assim, muito do que Deus fala se 'perde' e o que ele 'realmente' diz em sua plenitude é impossível de ser ouvido pelo sujeito que é inspirado para receber a mensagem. Nem tudo o que Deus fala é compreendido pelo indivíduo que ouve Deus falar.

O que expus até agora, é – como nós assim chamamos – a inspiração do escritor dos oráculos de Deus.

Temos um segundo ponto. Se há um momento em que o homem recebe diretamente de Deus seus oráculos, há também outro momento em que homens lêem a Palavra de Deus. Ao que lê, Deus novamente se revela. Revela-se àquele que a lê.

Neste segundo momento, tudo o que foi descrito acima se repete.

A Bíblia fala. Entretanto, fala através de um homem que a escreveu. Este homem estava circunscrito a uma determinada cultura e a um determinado grupo social. A compreensão da fala de Deus se dá dentro de uma determinada cultura que perpassa pelo texto. É impossível escrever algo isento de todo o conteúdo mental de quem escreve. E, é impossível escrever algo se o escritor não estiver inserido numa cultura. Para entendermos um pouco melhor o que o autor escreveu, precisamos pesquisar a cultura e o meio circundante

no qual se deu a revelação.

Como visto, nesta teoria, ninguém consegue se inserir no meio circundante no qual se deu a revelação mesmo que se estude com muito afinco. O máximo que pode fazer o que estuda, é uma leitura da língua, do dialeto, da cultura e de tudo que circunda o escrito que ele está estudando. Ora, se somos nós que estamos estudando todo o contexto da revelação, a leitura feita será com a nossa língua e tudo o que a circunscreve. A leitura é feita com o nosso conteúdo mental.

Se assim ocorre, a leitura hoje da Palavra de Deus é feita por nós que a lemos e a lemos com a nossa cultura, com a nossa língua com os nossos signos, significados e significantes. Há uma re-leitura subjetiva da leitura que o escritor do texto sagrado teve.

Porém, cabe aqui a inserção de um novo dado. A palavra que outrora se apresentou numa determinada cultura, agora fala a nós, em nossa cultura e tudo aquilo que nela está contido. Desta forma, dados da nossa cultura se inserem na leitura dos escritos divinos de uma forma diferente daquela que o escritor do texto concebeu.

Nesta teoria o sentido do texto está no evento da interpretação. Está no *Kairós*, ou como insistiu Kierkegaard: no instante<sup>11</sup>. Esse instante é o momento presente em que se dá a leitura e a interpretação do texto sagrado pelo sujeito que a lê. Quem lê o texto é respondente ao que ele diz, e responde com a sua subjetividade. Neste instante ocorre uma nova intersubjetividade. Esta, agora, se dá entre o leitor do texto sagrado e a do escritor do mesmo. Dessa intersubjetividade surge uma outra. Através dos textos sagrados entendemos que não só o escritor fala. Deus também fala através da iluminação do Espírito Santo. Por conseguinte, temos então que há também uma comunicação entre o sentido que o Espírito Santo quer dar ao texto em questão e a recepção do mesmo pelo leitor.

A máxima desta teoria é que o sentido do texto está no que o oráculo de Deus quer dizer para mim dentro da minha cultura, dentro da minha língua e dentro do meu conteúdo mental.

Devo aqui, para expressão da verdade, dizer que outras teorias foram expostas durante o III Congresso Brasileiro de Teologia. Outras mais conhecidas. Valeria a pena num segundo momento falar sobre elas. Se o fizesse aqui este texto seria longo demais.

Termino o presente texto expondo a minha idéia. De como eu compreendo a inspiração do texto da Bíblia.

Quase todos nós quando falamos da inspiração, dizemos que o Espírito Santo inspirou homens de Deus e em momentos determinados pelo próprio Deus para escreverem o Texto das Sagradas Letras.

Das minhas lembranças no presente momento, há um texto que diz que Deus na verdade expirou o texto<sup>12</sup>. Este expirar das palavras de Deus e o inspirar pelo escritor me faz lembrar de uma pessoa que pára de respirar por algum motivo e, para que o seu pulmão volte a funcionar é preciso fazer o que a medicina designa como uma respiração 'boca a boca'. Nesta respiração 'boca a boca', todo o ar que é expirado por aquele que tenta reanimar o moribundo é inspirado por este. Nada dessa expiração se perde na inspiração.

Entendo que as Escrituras foram expiradas por Deus e inspiradas por aquele que as escreveu. Deste modo, nada do que Deus quis revelar se perde. E, quando eu leio o texto, aquilo que Deus expirou é iluminado para mim; revelado pelo Espírito Santo e eu tenho condições de entender exatamente o que Deus quis falar no passado e o que ele quer falar para mim no instante que eu leio o texto.

Entendo que tudo o que Deus teve como intenção revelar foi captado por aquele a quem Deus se revelou através de palavras e ações. Este, o receptor da mensagem, por sua vez, foi capacitado por Deus e seu Espírito para escrever o conteúdo pleno do que ele lhe revelou. Às vezes, aquele que recebeu a mensagem não teve uma compreensão plena do conteúdo da fala de Deus. Entretanto, através da inspiração do Espírito Santo escreveu a mensagem tal e qual recebeu de Deus.<sup>13</sup> Hoje, quando alguém lê o texto sagrado tem sua capacidade de compreensão alargada por causa de todo o conhecimento da revelação progressiva de Deus. Ele conhece a *Heilgeschichte* e, sobretudo, ele tem a iluminação do Espírito Santo para entender o texto conforme Deus o quer revelar hoje.

Creio, que nada da revelação se perde e também nada da leitura que o sujeito faz no instante que lê o texto, lhe é obscurecido, de tal forma que ele não possa ver o que Deus está lhe dizendo. Esse tem a iluminação para ver o que Deus está lhe falando em sua plenitude pela capacitação do Espírito Santo.

- <sup>1</sup> Doutor em Psicologia, Mestre em Teologia – Aconselhamento, Psicanalista Clínico.
- <sup>2</sup> Entendo ser esta uma fala irônica por causa do contexto. Veja a sequência do texto que diz “Que posso eu fazer com você Efraim?” Segue a esta pergunta uma série de questões que o SENHOR tem com Israel.
- <sup>3</sup> Um resumo deste ponto foi publicado pela revista PSICOTEOLOGIA.
- <sup>4</sup> Ver a reportagem nas denominadas ‘páginas amarelas’ com Renato Mezan na revista ‘Veja’ ed. 1954 – ano 39 – no.17.
- <sup>5</sup> Ver HERMANN, Fábio. O que é Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 16.
- <sup>6</sup> Desde que um sujeito começa a compreender o que é uma casa, cada vez que vê uma ou ouve falar a respeito de uma casa, ele registra em sua mente o que o viu ou ouviu. Passados os anos, quando ouve o verbete ‘casa’ são evocadas todas as suas lembranças que através da amálgama das mesmas – que é a simbolização – trará uma idéia ao consciente.
- <sup>7</sup> Para uma compreensão desta teoria de forma mais profunda ou de forma mais detalhada sugiro a leitura de O que é Psicanálise de Fábio Hermann da Editora Brasiliense – Série: Primeiros Passos no. 86.
- <sup>8</sup> Para exemplificar uso o termo ‘embaraçado’. No sudoeste e sul do Brasil o significado deste signo é alguém que se encontra com dificuldades de sair de certa situação. No nordeste, significa que mulher embaraçada é uma mulher grávida.
- <sup>9</sup> Quando usamos o termo ‘educação escolar’ dentro de uma cidade como São Paulo, a classe ‘A’ dará um determinado significado a esse signo, que é extremamente diferente do significado dado pela classe ‘D’. Entretanto a comunidade do sentido é a mesma. Ambos estão inseridos dentro de um grupo social que é o da cidade de São Paulo.
- <sup>10</sup> O termo genericidade se refere ao conteúdo do conhecimento e do pensamento de todos os seres humanos em conjunto. Segundo uma pesquisa apresentada há alguns meses atrás o indivíduo hoje só consegue absorver 0,0000000000012 do que é dado aos seres humanos saber. Assim, a genericidade humana é saber 100% de todo o pensamento e conhecimento humano de todas as gerações.
- <sup>11</sup> Kierkegaard, ao fazer uma crítica ferrenha a Hegel, em sua tão famosa fórmula da tese – antítese – síntese, diz que da tese em confronto com a antítese, em nada resulta. São dois valores que se perdem, ou que se anulam. Diz ele que para que a síntese se inscreva na ordem do tempo é preciso que o INSTANTE aconteça. Diz ele que o INSTANTE se inscreve quando se insere entre a tese e a antítese, o Eterno. Somente com a inserção do Eterno na fórmula é que ela se dá na história. Caso contrário ela nada é.
- <sup>12</sup> Ver 2 Tm 3.16. A palavra Theopneustos etimologicamente é composta de duas outras Palavras: Theós e Pnéô (Analytical Greek Lexicon – Samule Bagster & Sons Ltd. 1973). Pnéô tem o significado de Soprar, Hábito, Soprar poder ou unção (Arnd e Gingrich). No Dictionaire Grec Français de Bailly – Librairie Hachette, Paris: Soprar do vento, O vento que é soprado, Fazer entender um som doce.
- <sup>13</sup> Podemos citar como exemplo o texto de Isaías no cap. 53. Para o profeta a compreensão plena do texto não foi compreendida. Entretanto escreveu o que ouviu de Deus. Outro exemplo a citar são os textos dos Salmos messiânicos. O poeta escreveu o texto sem a compreensão global do texto. Ainda que assim foi, não deixou de escrevê-lo.